

No cartel se pode obter um camelo

Maurício Tarrab

1. "Fazer algo"

Em 18 de março de 1980, em um texto chamado “O Senhor A.”, J. Lacan apresenta de um modo simples a questão do cartel e a lógica coletiva. Cito: “Vão. Juntem-se vários, colem-se uns aos outros para fazer algo e dissolvam-se depois para fazer outra coisa. Trata-se de (...) escapar do efeito de grupo que denuncio.” [1] E seguimos com isso ainda... Juntem-se para fazer algo, é preciso recordar que esse fazer algo é o que Lacan chama de trabalho da Escola.

O que a Escola e cada um de nós obtemos por trabalhar em cartéis? De que se trata o produto desse “fazer algo” que está em jogo para justificar isto que fazemos depois de que Lacan inovou com o cartel a teoria dos grupos [2], que reúne em uma comunidade de trabalho, na EOL, a quase mil cartelizantes inscritos em seu catálogo?

O que de novo em termos de saber é possível alcançar no trabalho do cartel? Há duas referências que me servem para pensar esta questão da relação entre o novo e o saber. A primeira, evocada por J. A. Miller, é essa fórmula que resume o Espírito das Luzes: *sapere aude*, atreve-te a saber, ousa saber. Fórmula que, sendo a de um momento chave da modernidade, localiza também um debate, que é aquele a que se refere Lacan em sua introdução aos *Escritos* como o “Debate das Luzes”. Um debate que prossegue e que, trazido para a época de hoje, poderia localizar-nos na polêmica sobre as conseqüências da modernidade tardia – que é esta nossa atualidade – onde “os sonhos da razão produzem monstros” [3].

Além disso, o “atreve-te a saber” marca um entrecruzamento entre o laço coletivo – já que o próprio debate o supõe – e uma posição subjetiva com respeito à ignorância, que é um antecedente daquilo que seria exigível de um psicanalista. É certamente uma fórmula imperativa, que desafia a avançar sobre o horror de saber. Avançar – Lacan o diz em sua “Nota italiana” [4] – sobre aquilo que o analista deveria chegar a circunscrever: “a causa de seu horror, do seu próprio, separado do de todos, seu horror de saber”. E esse ponto, quase como um paradoxo, é também um ponto de entrecruzamento com o coletivo. Aí, precisamente aí, J. Lacan localiza essa relação entre o analista como desperdício da humanidade – o inumano – localizando o que não se pode coletivizar de cada um e o que chama o “clamor da humanidade” – o *coletivizável*.

A segunda é uma referência que trouxe L. Gorostiza na Abertura da Jornada de Cartéis do ano passado e que quero retomar, agregando-lhe algo, como corresponde à elaboração coletiva. É uma fórmula extraída de *Scilicet*: “Tu podes saber”. Se ligarmos o “Tu podes saber” com o termo elaboração, levando em conta que *Scilicet* foi, entre outras coisas, uma tentativa de mostrar como a relação de cada um ao saber é o produto de uma elaboração coletiva, podemos então dizer: “Tu podes saber, mas não sem os outros”.

Isso é para mim a evidência que me oferece o trabalho da Escola. E isso começa pelo cartel e pelo lugar que este tem na Escola. E esse lugar, volto a dizer, não depende só do que chamamos “as instâncias diretivas”, nem da Diretoria ou do Conselho; isso certamente orienta e tem incidência, mas, a meu juízo, o lugar que o cartel tenha na Escola dependerá do que cada um faça do cartel.

O termo elaboração tem sua história na psicanálise antes que J. Lacan lhe agregasse o coletivo. Freud introduz o termo em relação à prática analítica quando comenta os problemas técnicos ligados a momentos de estancamento no tratamento, aí onde o tratamento parece estar paralisado. Sob essa aparência de estancamento, o tratamento seguiu, porém, seu curso: “É preciso dar tempo para o doente se aprofundar nessa resistência, para elaborá-la. Somente ao culminar esse trabalho com o doente chegamos a descobrir os impulsos pulsionais que alimentavam a resistência” [5]. A elaboração é, então, um trabalho no impasse, um tratamento sobre o que resiste, que, como se vê, não é o eu, mas o gozo. Isso quer dizer que para Freud a elaboração é certamente uma elaboração de saber, e permite tocar esse real que resiste ao saber.

Correlativamente, em Lacan é isso mesmo o que define a ética do psicanalista como a do bem-dizer. Levar o discurso até suas últimas conseqüências, chegar com o dizer até o que o fundamenta. Chegar com o dizer até o que isso era, até o ponto onde situar o que não entra no saber, o que não se pode escrever. E isso me leva a retomar a pergunta inicial, com respeito ao que se pode obter de novo no saber depois que a psicanálise traz a novidade de que no saber há um furo e que tudo se ordena em volta disso.

O novo que traz a ciência é que há um saber no real, que responde a leis físico-matemáticas. E que manipulando – se poderia dizer elaborando – esse saber, a ciência determina o real: da lâmpadinha elétrica à ovelha Dolly.

Se há algo novo que a psicanálise traz ao saber é que há algo que não se pode escrever. E Lacan – também na “Nota aos italianos” – localiza a aspiração científica da psicanálise – por onde esta se igualaria à ciência – nos mesmos termos: “aceder com o saber ao real e determiná-lo”.

Porém, e há aqui uma novidade. Esse saber que a psicanálise produz não está pronto, não está preparado, não se trata de um saber que é preciso aprender, não se trata de descobri-lo, trata-se de inventá-lo. Essa é a novidade.

2. Prisioneiros como somos...

Para tomar o ponto de partida de onde Lacan situa a lógica coletiva, isto é, em “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, prisioneiros como somos, estamos aí, irremediavelmente com os outros, e para dizê-lo com J. Lacan: “basta fazer aparecer o termo lógico dos outros para que se manifeste o quanto a verdade depende para todos do rigor de cada um (...) e que ainda que nesta corrida atrás da verdade não se esteja senão sozinho, ainda que não se seja todos quando se toca o verdadeiro, ninguém, porém, o toca senão pelos outros” [6].

É neste texto, junto com outros contemporâneos, onde Lacan apresenta o que ele mesmo chama as “análises formais iniciais de lógica coletiva”. Pontos de partida de um traço de seu ensino, que se refere por um lado à comunidade analítica, à forma de organizar-se dos analistas, mas também a sua posição na cidade, no que se chama a cultura, e ainda à responsabilidade que nos cabe com respeito ao laço social contemporâneo.

É preciso contrapor a lógica coletiva que Lacan apresenta ao que chamamos psicologia das massas. O laço coletivo estruturalmente situado com respeito ao Ideal que satura a falta pode encontrar sua variante numa lógica coletiva que se situa com respeito à falta no Outro, com respeito ao furo no saber.

As formas que Lacan propõe para a organização dos analistas levam em conta esta referência situando-se nesse fio delgado que se tenciona entre o que entra no laço social e o que não é coletivizável de cada um. O cartel, como sede do trabalho da Escola, tal como o apresenta Lacan na “Proposição”, está nesse fio tanto quanto o passe.

O cartel e o passe são na Escola os lugares de máxima heterogeneidade e também os pontos onde o cálculo coletivo aposta contra o ineliminável da psicologia das massas – que não se pode evitar em nenhuma instituição, por mais advertida que esteja – e a favor de uma lógica coletiva que faça avançar a psicanálise.

3.4 + 1

Prisioneiros como somos, a saída se encontra não sem os outros.

Não há certamente nenhuma garantia, há, ao contrário, o risco de uma aposta de que nesta estrutura horizontal, heterogênea, discreta; pouco presunçosa com respeito aos semblantes de saber; com um líder debilitado como é o mais-um; em um encontro que será limitado no tempo, já que está destinado a se dissolver e a se renovar com outros; que não tem um mestre de prestígio que dite um ensino e alunos que o amem por seu saber, mas que qualquer um pode ocupar esse lugar, com a condição de resguardar a causa do trabalho de cada um se está na função de mais-um, e de se autorizar a pensar por sua conta com os outros se é um membro do cartel; há aí a aposta de que entre a possível elaboração coletiva e a particularidade da enunciação de cada um, se avance um pouquinho no saber à custa da ignorância.

As metas do cartel não são ambiciosas, ou são? O que é certo é que não é simples sustentar esse trabalho. Não é simples que em um cartel 4 + 1 não se convertam em um grupo a mais; chamá-lo cartel não é assegurar-se de que o seja. É preciso fazer a experiência.

Porém, por que fazê-la? Em suma, por que se agrupar, juntar-se com outros etc.? Por acaso não é esse o começo de um inevitável caminho em direção à identificação da qual o analista deveria cuidar-se a cada momento? Mais ainda quando é Lacan mesmo quem nos adverte das conseqüências alienantes da identificação na psicanálise.

Cada um deve responder a isso por sua conta e por seu próprio risco. Somente é preciso recordar, com respeito a isso, uma citação do *Seminário RSI*:

O que é o que eu desejo? A identificação ao grupo, porque é certo que os seres humanos se identificam a um grupo, quando não se identificam estão loucos, estão para serem trancados. Mas não digo por isso a que ponto do grupo têm que se identificar. [7]

A que ponto do grupo identificar-se? Segundo entendo, ao ponto onde, com os outros, me sei descompletado pelo real. Ao ponto onde, como os outros, não estou senão no esforço de subjetivar esse real. Ao ponto em que, prisioneiros como somos, reconhecemos essa condição. Quando, na borda do furo no saber, adverte-se de que não é sem os outros que tenho uma chance, lógica.

Ao contrário, descontar-se do conjunto, como sabemos, segundo modalidades clínicas diversas, é um ponto de gozo do neurótico, tanto quanto a alienação

identificatória ao Ideal. Talvez se possa extrair da experiência do cartel o que é um lugar onde ceder gozo a favor do laço coletivo.

“Órgão de base da Escola”, “sede do trabalho da Escola”, o cartel vai na contramão das estruturas burocráticas da instituição, o que leva a localizar o que deveria ser sua característica provocadora.

4. Obter um camelo

Finalmente direi, mudando o tom de minha exposição, mas para situar o que no cartel se pode obter, direi que no cartel se pode obter um camelo. Explico-me: Encontrei uma observação sagaz de uma colega da ECF, Marie-José Duffau [8], quem evoca, para situar a função do mais-um, uma história de B. Brecht [9] sobre como resolver a repartição das cabeças de gado de uma herança, que parecia impossível.

De imediato recordei haver lido o original dessa história – que seguramente Brecht conhecia, pois tem a mesma estrutura – em um livro chamado o “Homem que calculava”, que data de 1300, de Malba Tahan [10], que situa a história no deserto e onde não se trata de vacas, e sim de camelos. Prefiro o original por várias razões.

O “homem que calculava” é levado em sua viagem pelo deserto por um mercador que compartilha com ele seu único camelo. Chegam a um lugar onde se desenvolve uma acalorada discussão entre três irmãos, sobre a repartição da herança do pai, quem acaba de morrer, deixando essa repartição submetida a uma condição: “Deixo 35 camelos. Ao maior corresponderá a metade, ao segundo uma terça parte e ao menor, a nona”.

Nenhuma das partições feitas pelos irmãos até o momento havia dado resultado. A metade, a terceira parte e a nona parte de 35 não dão quantidades exatas e ninguém fica conforme. Tal repartição tampouco deixaria contentes os camelos, que teriam que ser cortados ao meio: a metade de 35 é 17,5 – a terceira parte é mais ou menos 11,5 e a nona é quase quatro camelos.

O “homem que calculava” traz a solução: une à herança de 35 camelos um camelo a mais: o camelo que os transportava até ali, que era de seu amigo mercador, quem não é facilmente convencido de ceder seu único camelo. Unindo este camelo a mais à cáfila (que parece ser o nome árabe para as manadas que se convertem em cartéis), agora têm 36 camelos e a partição pode realizar-se de outro modo:

O maior, que devia receber 17,5 pela metade, receberá agora 18.

O do meio, que devia receber 11,5 pela terceira parte, receberá um terço de 36, isto é, 12.

O menor, quem devia receber 3 e um pouco pela nona parte, agora receberá 4.

Todos obtêm assim um ganho sobre o previsto originalmente. Além disso, porém, vejamos que 18 camelos do primeiro, mais 12 do segundo, mais 4 do terceiro, dá 34 camelos, isto é, depois da repartição, dos 36 sobram dois.

O “homem que calculava” devolve então a seu amigo o camelo por este cedido e obtém um para si mesmo. E não é qualquer coisa obter um camelo no meio do deserto. A alegoria e a cifra se juntam nesta história [11] para situar o que nos convém ceder para obter algo nisso que chamamos um cartel, para continuar a viagem.

Notas:

[1] Miller, J. A. “El cartel en el mundo”. *Mas Uno*, nº 1. Buenos Aires, 1996.

[2] Cf. Miller, J. A. “Patapum: El fracaso de las Luces”. *Uno por Uno*, nº 32. Novembro de 1992.

[3] Alusão à gravura da série "Los Caprichos" de Goya.

[4] Lacan, J. “Nota Italiana”. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 2003.

[5] Freud, S. “Recuerdo, Repetición y Elaboración”. Biblioteca Nuvea.

[6] Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

[7] Lacan, J. *Seminário RSI*, inédito.

[8] Duffau, M.-J. Plus-Un. *La lettre mensuelle*, 138. Paris, abril de 1995.

[9] Brecht, B. "Le probleme". *Histoires inédites*. Lárche, 1967.

[10] Tahan, M. “El hombre que calculaba”. Barcelona: Veron Editor, 1972.

[11] Prefiro esta história árabe à versão de Brecht não só por preferir os camelos às vacas, mas porque naquela se parte de 17 vacas, às quais se agrega uma $17+1 = 18$, permitindo assim a repartição: $9 + 6 + 2 = 17$, sobrando a que havia sido agregada, e que pode então ser retirada. Dessa maneira a função do mais-um fica localizada como a de quem agrega algo, mas não obtém nada mais do que o que já tinha antes de intervir. Partindo de 35, se vê que se agrega algo que não se tinha (já que o camelo era do amigo do mercador), o que se recupera e se devolve ao outro (poderíamos escrever aqui o Outro), mas também se obtém algo novo para si.

Tradução: Isabel Collier do Rêgo Barros.